

A predominância do sexo feminino na profissão do Serviço Social: uma discussão em torno desta questão

Adriéli Volpato Craveiro¹
Jéssica Gomes do Vale Cabrerisso Machado²

RESUMO: A profissão do Serviço Social veio se modificando com o decorrer do tempo histórico, sendo uma questão primordial que sempre permeou tal profissão o fato de ser esta uma categoria profissional eminentemente feminina. Neste sentido, o presente trabalho tem como principal objetivo analisar a relação histórica existente entre a profissão do Serviço Social enquanto profissão constituída em sua amplitude pela presença feminina. Buscando alcançar tal objetivo realizou-se uma revisão bibliográfica em torno da temática escolhida. Assim, percebeu-se que o fato de ser o Serviço Social uma profissão composta predominantemente pelo sexo feminino está diretamente ligado à questão cultural, juntamente com o processo histórico da predominância do gênero feminino em alguns âmbitos profissionais, entre os quais a profissão do Serviço Social, gerando dessa forma a reprodução de uma cultura repleta de preconceitos em relação a gênero, que segue até a contemporaneidade na própria sociedade e no âmbito profissional do Serviço Social.

PALAVRAS-CHAVE: Serviço Social; Assistente Social; Mulher.

¹ Assistente Social do Hospital Universitário Regional de Maringá – HUM. Docente do curso de Serviço Social da Faculdade do Noroeste Paranaense – FANP e da Faculdade Metropolitana de Maringá – UNIFAMMA. E-mail: adrielivolpato20@gmail.com.

² Acadêmica do 4º semestre do curso de Serviço Social da Faculdade Metropolitana de Maringá – UNIFAMMA. E-mail: jeistrelinha@hotmail.com.

Introdução

O Serviço Social é uma profissão inserida na divisão sócio-técnica do trabalho que veio se modificando com o passar do tempo histórico. Neste sentido, o Serviço Social afirma-se como profissão ao responder as necessidades sociais, geradas historicamente na produção material da vida, se institucionalizando e se legitimando profissionalmente como um dos recursos mobilizados pelo Estado e pelo empresariado como suporte da Igreja Católica na perspectiva do enfrentamento e regulação da questão social a partir dos anos de 1930.

Assim, no início da profissão do Serviço Social a identidade do Assistente Social era atribuída e formada pela ideologia da burguesia tendo enquanto uma característica fundamental uma profissão composta por mulheres.

A questão de ser a profissão do Serviço Social composta por mulheres encontra-se vinculada em toda a trajetória histórica desta profissão, desde as suas protoformas aos dias atuais. Contudo, a predominância do sexo feminino dentro do âmbito profissional, não é uma especificidade somente da profissão de Serviço Social que possui em seu contexto histórico essa característica, mas, esse aspecto se encontra também inserido historicamente em outras profissões.

Neste sentido, o presente artigo tem enquanto principal objetivo analisar a relação histórica existente entre a profissão do Serviço Social enquanto profissão constituída em sua amplitude pela presença feminina.

1 O Serviço Social: profissão historicamente feminina

A profissão do Serviço Social é resultante de um contexto histórico. E dentre os elementos fundamentais que configuram a formatação da imagem da profissão, diz respeito ao perfil profissional dos Assistentes Sociais com predominância historicamente feminina. Dessa forma, para compreendermos a trajetória do Serviço Social, não se pode ter por base que o contexto no qual o Serviço Social se encontra inserido não envolve a profissão, pelo contrário, o Serviço Social se molda conforme a conjuntura econômica, política, social e cultural que se encontra presente na realidade do dado momento histórico.

É somente na intercorrência do conjunto de processos econômicos, sócio-políticos e teóricos-culturais que tangenciamos nas seções precedentes que se instaura o espaço histórico-social que possibilita a emergência do Serviço Social como profissão. Sem a consideração deste marco específico, a análise da história do Serviço Social perde concreção e acaba por transformar-se numa crônica essencialmente historiográfica e linear (NETTO, 2007, p.69).

Neste sentido, tem-se que considerar toda a conjuntura e os processos pelo qual a sociedade estava inserida, para que possamos entender com isso a emergência da profissão do Serviço Social, pois, ao não considerar tais questões entenderemos de forma equivocada, que a história do Serviço Social foi linear e imutável, não sofrendo dessa forma, interferências do momento pelo qual se encontrava inserida.

O momento histórico que se tem espaço na divisão socio-técnica do trabalho para a profissão do Serviço Social se encontra na passagem do capitalismo concorrencial para o capitalismo monopolista, ou seja, no momento em que ocorre a organização dos monopólios. Assim, “o que importa observar e destacar com a máxima ênfase é que a constituição da organização monopolística obedeceu à urgência de viabilizar um objetivo primário: o acréscimo dos lucros capitalistas através do controle dos mercados” (NETTO, 2007, p.20). Dessa forma, o capitalismo monopolista tem como objetivo principal o lucro do capital, por meio dos controles de mercados como um instrumento fundamental para a obtenção desse objetivo.

Visando aumentar a acumulação do capital o Estado passa a intervir na questão social em suas diversas expressões, tal intervenção se deu por meio das políticas sociais, sendo o Assistente Social chamado a executar tais políticas. “Neste âmbito está posto o mercado de trabalho para o Assistente Social: ele é investido como um dos agentes executores das políticas sociais” (NETTO, 2007, p.74) frente às consequências negativas da questão social.

A questão social não é senão as expressões do processo de formação e desenvolvimento da classe operária e de seu ingresso no cenário político da sociedade, exigindo seu reconhecimento como classe por parte do empresariado e do Estado. É a manifestação, no cotidiano da vida social, da contradição entre o proletariado e a burguesia, a qual passa a exigir outros tipos de intervenção mais além da caridade e repressão (IAMAMOTO; CARVALHO, 2007, p. 77).

Em suma, o Serviço Social tem suas origens com a emergência do capitalismo monopolista. Porém, em cada lugar e contexto histórico o Serviço Social irá se institucionalizar de forma diferente, tendo por base o objeto que permeia a presente pesquisa neste momento

discutiremos a emergência e a evolução histórica da profissão do Serviço Social no contexto brasileiro.

Segundo Iamamoto; Carvalho (2007) no Brasil o Serviço Social se institucionaliza e se legitima profissionalmente como um dos recursos mobilizados pelo Estado e pelo empresariado, como suporte da Igreja católica na perspectiva do enfrentamento e regulação da questão social, a partir dos anos de 1930. Sendo que, desde a emergência da profissão do Serviço Social no Brasil observamos a predominância do sexo feminino entre tais profissionais. Assim, a predominância feminina na profissão do Serviço Social em suas origens, está diretamente ligada às características enraizadas e culturalmente legitimadas ao âmbito feminino, como podemos observar na citação a baixo:

Aceitando a idealização de sua classe sobre a vocação natural da mulher para as tarefas educativas e caridosas, essa intervenção assumia, aos olhos dessas ativistas, a consciência do posto que cabe à mulher na preservação da ordem moral e social e o dever de tornarem-se aptas para agir de acordo com suas convicções e suas responsabilidades. Incapazes de romper com essas representações, apostolado social permite àquelas mulheres, a partir da reificação daquelas qualidades, uma participação ativa no empreendimento político e ideológico de sua classe, e da defesa faculta um sentimento de superioridade e tutela em relação ao proletariado, que legitima a intervenção (IAMAMOTO; CARVALHO, 2007, p. 172).

Fica evidente na citação acima que a classe de profissionais do Serviço Social estava em construção e em pleno desenvolvimento, neste momento, a categoria dos Assistentes Sociais atribui à posição social, ideológica da mulher dentro da sociedade e conseqüentemente dentro da profissão. Portanto, a imagem de contribuidora para a construção de uma nova e melhor ordem social, dentro da sociedade capitalista é de extrema relevância no que diz respeito às atribuições da mulher não só no âmbito social, como, principalmente, no âmbito histórico profissional do Serviço Social.

Nesse sentido, as primeiras Escolas de Serviço Social tiveram grande responsabilidade e importância para a inserção dessas novas profissionais dentro da divisão social-técnica do trabalho, já que para ingressar na Escola de Serviço Social de São Paulo, eram requisitados diversos critérios aos candidatos, entre eles:

O Assistente Social deveria, assim: ser uma pessoa da mais íntegra formação moral, que a um sólido preparo técnico alie o desinteresse pessoal, uma grande capacidade de devotamento e sentimento de amor ao próximo; deve ser realmente solicitado pela situação penosa de seus irmãos, pelas injustiças sociais, pela ignorância, pela miséria, e a esta solicitação devem, corresponder as qualidades pessoais de inteligência e vontade. Deve ser dotado de outras tantas qualidades inatas, cuja enumeração é bastante longa: devotamento, critério, senso prático, desprendimento, modéstia, simplificando, comunicatividade, bom humor, calma, sociabilidade, trato fácil e espontâneo, saber conquistar a simpatia, saber influenciar e convencer etc. Será portanto, indispensável para o recrutamento dos futuros assistentes critérios bem definidos. Desde sua fundação, a Escola de Serviço Social de São Paulo apresenta como exigência funcional para matrícula:

1. ter 18 anos completos e menos de 40; comprovação de conclusão do curso secundário; apresentação de referências de 3 pessoas idôneas; submeter-se a exame médico” (IAMAMOTO; CARVALHO, 2007, p. 221).

Diante do exposto fica evidente a forma extremamente conservadora e rígida pelo qual a sociedade e as Escolas de Serviço Social da época exigiam um padrão idealizado e perfeito de candidatos para estudar Serviço Social, assim como, deixa claro que deveriam ser pertencentes à classe burguesa. São exaltados as qualidades que seriam critérios para futuros Assistentes Sociais, deixando subentendido à predominância feminina na profissão, assim como, que as mesmas não poderiam ter defeitos morais, ou de qualquer outro tipo para adentrarem a formação profissional.

As formas de intervenção das profissionais de Serviço Social estavam intimamente ligadas aos interesses da sociedade burguesa da época e para efetivar tais interesses era fundamental que as candidatas, ao adentrarem na Escola de Serviço Social de São Paulo, tivessem algumas características próprias que viessem ao encontro dos interesses burgueses. Interesses estes que buscava acima de tudo o controle social, como instrumento de efetivação e manutenção da ordem burguesa se encontrava as Assistentes Sociais.

As primeiras Assistentes Sociais tinham que ter sentimentos nobres, moral bem definida, a vontade de servir ao próximo e a bondade existente nos profissionais, eram discursos arraigados no dia-a-dia dos primeiros Assistentes Sociais. Ao relatar sobre o surgimento do Serviço Social e a sua institucionalização praticamente composta por mulheres, Veloso (2001) afirma que as mulheres que compunham a categoria do Serviço Social trouxeram consigo valores, formas de se relacionar com o mundo, características e atribuições destinadas às mulheres, sendo que esses fatores contribuíram para que a profissão conferisse uma imagem próxima daquela que se tinha da mulher.

A mulher era vista como quem possuía uma vocação natural para as tarefas educativas e caridosas. Por ser o Serviço Social uma profissão destinada em sua origem às mulheres, as características da profissão nesse período se aproximavam das atribuições destinadas

às mulheres. Podemos observar essa realidade, por exemplo, na Tese apresentada na 4ª Semana de Ação Social em São Paulo em 1940 por Maria Kiehl :

Intelectualmente o homem é empreendedor, combativo, tende para a dominação. Seu temperamento prepara-o para a vida exterior, para a organização e para a concorrência. A mulher é feita para compreender e ajudar. Dotada de grande paciência, ocupa-se eficazmente de seres fracos, das crianças, dos doentes. A sensibilidade torna-a amável e compassiva. É, por isso, particularmente indicada a servir de intermediária, a estabelecer e manter relações. (apud IAMAMOTO; CARVALHO, 2007, p.171).

Ser Assistente Social nas protoformas da origem dessa profissão era visto, muitas vezes, como uma “missão”. Era necessário ter moral bem definida para poder “ajudar” a população que, por certos motivos, estava “desviada” dos moldes tradicionais e “corretos” colocados na época, pelo tradicionalismo. Como já se afirmou, as mulheres burguesas, com moral bem definida, eram extremamente indicadas para desenvolver tal trabalho, pois eram elas que possuíam as características “corretas” para desenvolver as atividades junto à população “desviada”.

Essa característica de femininização da profissão desde sua origem permeou, por muito tempo, a trajetória histórica do Serviço Social. Na contemporaneidade, ainda pode-se observar a prevalência das mulheres na profissão de Serviço Social, visto que, no imaginário da população, a mulher possui as características mais evidentes para o exercício do Serviço Social, ainda nos moldes utilizados e destacados no início da história do surgimento da profissão.

Diante do exposto fica evidente a tendência de que o Serviço Social, em suas protoformas, é uma profissão eminentemente feminina, assim como fica claro, que os deveres assim como as responsabilidades da mulher dentro da sociedade, e mais especificamente na profissão de Serviço Social é correlacionados com a realidade e a posição que a mulher ocupava historicamente, assim como, a postura ética, moral, e educadora exigida pela sociedade, que deveria ser positiva e inquestionável. Pelo perfil feminino na profissão estar ligado aos interesses da burguesia na época, possuía dessa forma, uma certa dependência a ideologia burguesa, tendo em vista a implantação efetiva da profissão na divisão socio-técnica do trabalho, principalmente no início a profissão do Serviço Social que estava intimamente ligada aos ideários burgueses.

Assim, cabe destacar que o perfil feminino acompanhou a profissão do Serviço Social em todo o seu contexto histórico, sendo que, na sociedade atual esta questão continua presente na composição do perfil dos Assistentes Sociais como discutiremos no próximo tópico.

2 O Serviço Social na sociedade contemporânea: uma profissão composta em sua grande maioria por mulheres

Na atualidade algumas pesquisas foram realizadas no que tange ao perfil dos Assistentes Sociais, e na grande maioria uma questão primordial presente diz respeito ao perfil feminino da categoria profissional do Serviço Social. Neste sentido, no ano de 2005 foi publicada uma pesquisa pelo Conselho Federal de Serviço Social – CFESS intitulada “Assistentes Sociais no Brasil: Elementos para o Estudo do Perfil Profissional” no qual 97% dos Assistentes Sociais pesquisados eram do sexo feminino enquanto apenas 3% do sexo masculino. Neste sentido, a pesquisa acabou “confirmado a tendência histórica da profissão, a categoria das (os) assistentes sociais, ainda é predominantemente feminina, contando com apenas 3% de homens. A região com maior percentual masculino é a Sudeste (7%) e a menor é a região Sul (1%)” (CONSELHO FEDERAL DE SERVIÇO SOCIAL, 2005, p.19).

Outra pesquisa realizada recentemente que comprovou a tendência histórica da profissão dos Assistentes Sociais enquanto eminentemente feminina diz respeito à pesquisa realizada no ano de 2009, com os Assistentes Sociais supervisores de campo dos acadêmicos do curso de Serviço Social da Faculdade Estadual de Educação, Ciências e Letras de Paranaíba – FAFIPA, no qual ficou comprovado que 100% dos Assistentes Sociais, supervisores de campo dos acadêmicos da FAFIPA eram do sexo feminino (CRAVEIRO, 2009).

Assim, o fato de ser a profissão predominantemente feminina, dentro da sociedade contemporânea ainda permeia a idéia de ser Serviço Social uma profissão ligada a concepção de uma formação, assim como, uma profissão eminentemente feminina, tendo em vista que no imaginário da população a mulher possui as características mais evidentes para o exercício do Serviço Social, sendo que, o Serviço Social ainda é percebido enquanto uma profissão que executa nos moldes utilizados e destacados no início da história da profissão, se tornando evidente uma ligação histórica e muito complexa para ser rompida, tendo por base os anos de existência da profissão, assim como, o seu histórico dentro da sociedade capitalista.

No panorama atual das relações de trabalho, pode-se observar que o papel anterior relegado às mulheres – cuidar, zelar pelo bem-estar comum, exercer práticas voluntaristas ligadas à caridade e à filantropia, não tendo como objetivo o sustento de uma família, por exemplo – foi substituído pela visão contemporânea, que vislumbra exatamente o oposto, ou seja, cada vez mais as mulheres estão se inserindo no campo do trabalho. Isso reflete também na área do Serviço

Social, pois mais mulheres têm buscado essa profissão, visando o seu sustento financeiro e também o sustento dos filhos, da casa de forma geral. “(...) Se o Serviço Social se constituiu num espaço de inserção social e ocupacional para as mulheres (tal como outras profissões), ele não foi suficiente para colocar a mulher numa posição de igualdade (social, ocupacional e política)” (MONTAÑO, 2007, p.100). “O Serviço Social, como profissão eminentemente feminina, tem, neste fato, o seu primeiro elemento de subalternidade, na medida em que se insere em sociedades marcadas e regidas por padrões patriarcais e “machistas”. (MONTAÑO, 2007, p. 98).

O Serviço Social não conseguiu romper com a condição de subalternidade em relação às profissões consideradas masculinas: a profissão de médico, advogado, economista, de engenheiro, etc. Neste sentido, Montañó destaca que:

O Serviço Social não é visto, portanto, como uma profissão que toma decisões, que participa “produtivamente” na divisão do trabalho, que participa na definição dos objetivos gerais das políticas sociais ou no seu desenho com autonomia para definir os recursos a empregar, os benefícios da sua ação, que possui um conhecimento teórico-universal sobre o social (apesar de que diversos Assistentes Sociais sim atuem nestes níveis). Pelo contrário, o Serviço Social é em geral identificado, em concordância com o papel que as sociedades “patriarcais” atribuem às mulheres, como uma profissão que executa as decisões dos outros (os “políticos”) que conhece a realidade social por meio dos olhares dos outros (os “cientistas sociais”) e que assiste às populações carentes, mas como auxiliar de outros profissionais (médicos, advogados etc) (MONTAÑO, 2007, p.101).

O fato da profissão do Serviço Social ser uma profissão eminentemente feminina acaba por sofrer consequências negativas que permeia o universo feminino, ao se inserir dentro de uma sociedade marcada por características patriarcais e conservadoras, que valoriza acima de tudo o gênero masculino em todos os âmbitos, deixando dessa forma em segundo plano todos os ideários que possam privilegiar ou emancipar de forma positiva o gênero feminino.

Sendo assim, a subalternidade feminina construída sofre manutenção dessa mesma sociedade que imbuída de ideários como Montañó (2007) a define “machista”, o que acaba por impactar na categoria profissional feminina, que busca igualdade de condições e posições assim como oportunidades que transformem essa sociedade, tendo por base também os interesses femininos defendidos pela categoria profissional. Um exemplo desses ideários que fundamentam a sociedade “machista” e que subalterniza o gênero feminino pôde ser abordado na citação abaixo:

Esta temática é tão importante na afirmação do seu estatuto profissional, na sua gênese, pois, nesta sociedade, “a mulher não deve cuidar de coisas muito importantes. Quando ela sai de casa, se não é para tocar piano e dançar *ballet*, vamos deixar ela fazer a caridadezinha, esse negocinho menor, subalterno (NETTO, 1993, p.74 apud MONTAÑO, 2007, p. 99).

Neste sentido, se torna evidente que determinadas atividades são subalternizadas quando se diz respeito às atividades que mulheres possam executar, como ficou evidente na citação a cima. Assim, a sociedade “machista” acaba por limitar muitas vezes o que é de responsabilidade e atribuição do gênero feminino e do gênero masculino. Por conta dessa limitação conservadora realizada, o gênero feminino ainda se depara com ideários preconceituosos e que por vezes subestimam e desvalorizam a potencialidade profissional, técnica interventiva e teórico-metodológico das profissões consideradas femininas, como por exemplo, o Serviço Social.

Considerações Finais

A partir da construção deste artigo, por meio da pesquisa bibliográfica, pode-se considerar que o Serviço Social, assim como, outras profissões que historicamente são marcadas por características peculiares, como por exemplo: a predominância do sexo feminino, carregam as peculiaridades destinadas a mulher dentro da sociedade marcadas pelas características patriarcais.

Assim, pode-se constatar que o perfil feminino está presente na trajetória histórica do Serviço Social desde as suas protoformas aos dias atuais, sendo que, tal profissão acaba apropriando de características inatas ao gênero feminino, como por exemplo, no âmbito educativo, interventivo e de proteção. Por outro lado, devido a esta questão a profissão do Serviço Social acaba sofrendo as consequências negativas, os obstáculos, assim como, os preconceitos e subalternização que as mulheres sofrem dentro da sociedade capitalista.

Portanto, diante do exposto se evidencia a relação histórica predominante feminina na profissão do Serviço Social e por conseqüente tem-se que realizar reflexões à cerca da questão de subalternização da mulher na sociedade, pois essa subalternização é exacerbada para o âmbito profissional, trazendo dessa forma características negativas para toda a categoria profissional do Serviço Social.

Contudo, embora na sociedade contemporânea encontramos questões negativas que envolve a profissão do Serviço Social no que se refere a questão de gênero, em contra partida, destacamos a enorme contribuição, assim como o desenvolvimento da profissão, se deu eminentemente pelas mulheres que se dedicaram e que enfrentaram grandes desafios e condições objetivas não favoráveis para o desenvolvimento e efetivação da profissão do Serviço Social como um todo. Porém, todas essas mulheres que superaram essas condições adversas, e se muniram de conhecimento e formação técnica e científica foram de extrema importância para a garantia e principalmente para a evolução de uma intervenção que seja formada e legitimada como necessária dentro de um contexto histórico, político e econômico.

Referências Bibliográficas

CONSELHO FEDERAL DE SERVIÇO SOCIAL. **Assistentes Sociais no Brasil: Elementos para o Estudo do Perfil Profissional.** 2005.

Disponível em: http://www.cfess.org.br/pdf/perfilas_edicaovirtual2006.pdf. Acesso em: junho de 2011.

CRAVEIRO, Adriéli Volpato Craveiro. **O Serviço Social enquanto profissão: a perspectiva dos agentes.** Trabalho de Conclusão de Curso. Faculdade Estadual de Educação, Ciências e Letras de Paranaíba, 2009.

NETTO, José Paulo. **Capitalismo Monopolista e Serviço Social.** 5 ed. São Paulo, Cortez, 2007.

IAMAMOTO, Marilda Villela. **O Serviço Social na Contemporaneidade: Trabalhos e Formação Profissional.** 6ed. São Paulo, Cortez, 2007.

IAMAMOTO, Marilda Villela; CARVALHO, Raul de. **Relações Sociais e Serviço Social no Brasil: Esboço de uma interpretação histórico-metodológica.** 21 ed. São Paulo, Cortez; Celats, 2007.

MONTAÑO, Carlos. **A natureza do Serviço Social: Um Ensaio Sobre sua Gênese, a "especificidade" e sua reprodução.** São Paulo, Cortez, 2007.

VELOSO, Renato. **No Caminho de uma reflexão sobre Serviço Social e Gênero.** In: *Revista Praia Vermelha.* Estudo de Política e Teoria Social . V.2, n 4. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001.